

E houve Hilda, o passeio pelo museu, uma noite e Guernica.

Eu preciso amar Carlos.
Eu preciso amar.
Eu devo encontrar alguém Carlos.
Eu preciso amar...

E diante do chefe de polícia no pequeno apartamento, logo após o suicídio de Hilda:

Esperava muito, talvez.
Queria demais, provar tudo.
Ir até o fim de todas as coisas.
Hilda está morta e para sua morte não se pode encontrar nem o pretexto de uma guerra.

A silhueta de Hilda recortada na janela contrapõe-se ao perfil iluminado da grande cidade sob a repetição longínqua de uma expressão de sua agonia:

Pessoal e intransferível...
Pessoal e intransferível...
Pessoal e intransferível...

Anos depois o reencontro casual com Ana, objeto primário do amor, como modelo publicitário num trabalho para a fábrica de Arturo. O programa noturno a quatro. Ana e Arturo, Carlos e uma amiga de Ana. A figura da amante que completa o quadro de poder, do comportamento previsível da ascensão. A esta altura Carlos já mostra sinais visíveis de saturação.

Conduzido pelas contingências, aceitando todos os termos, formas e comportamentos do percurso, deixando-se levar pelos acontecimentos, o personagem se desenraiza de si mesmo, adota o uniforme que lhe Impõem e, mergulhado numa angústia sem precedentes, sem causa definida, deseja apenas livrar-se de tudo que ali significou sujeição a um projeto, a uma direção cujo sentido torna-se, dia a dia, mais nublado, mais obscuro.

Sai à procura de Hilda. Hilda está morta.

Pessoal e intransferível...

Veste-se e diz a Luciana, a mulher:

Eu vou dar o fora!
O quê?
Já disse.
Mas por quê?
Gostaria de ter uma razão.
Gostaria de encontrar uma razão para mim mesmo...

Num ato deliberado de rompimento rouba um Kharman-Ghia e se evade:

Recomeçar...
Recomeçar bem ou acabar de uma vez por todas...

e em largo desabafo

Tchau Luciana!
TCHAU SÃO PAULO!

A cidade estava impregnada de toda aquela sufocação, de aprisionamento, da ausência absoluta de sentido.

Pela manhã, após ter abandonado o automóvel na estrada e seguido com o primeiro caminho que surge, ao acordar, reconhece o perfil familiar da metrópole. Era o regresso, o inadvertido regresso.

Fundido à multidão, em pleno viaduto do Chá, a atormentada passagem:

Recomeçar, recomeçar, recomeçar,
sempre!
Recomeçar!
Encontrar para si mesmo uma razão...

Vazio e determinação deixam um rastro em sua trajetória que indaga, fundamentalmente, pelo sentido. A cidade são muitas direções e nenhuma. Um limite preciso e intransponível de estar no mundo.

Samuel Kruchin é arquiteto, artista plástico e professor da FAU/PUCR.

Bibliografia

- BELLUZZO, Ana Maria. *Waldemar Cordeiro - uma aventura da razão*. São Paulo, MAC, 1986.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Brasil em tempo de cinema*. São Paulo.
- BIEZUS, Ladi. *Alfredo Volpi*. Düsseldorf, Helmut Krüger Verlag, 1975.
- CAMPOS, Augusto e outros. *Teoria da Poesia Concreta*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- GALVÃO, Maria Rita. *Burguesia e cinema: o caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MAIA, Prestes. *Plano de avenidas para a Cidade de São Paulo*. São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1930.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Ed. Nacional, 1974.

A cidade segundo o pensamento europeu - de Voltaire a Spengler

Carl E. Schorske

Tradução de Hélio Alan Saltorelli

Durante dois febris séculos de transformação social, a problemática da cidade incitou implacavelmente a consciência de pensadores e artistas europeus. A resposta dos intelectuais a esta pressão foi infinitamente variada uma vez que tal transformação trouxe em seu bojo mudanças mais fecundas para as idéias e os valores do que alteraram a sociedade em si. Ne-nhum homem pensa a cidade completamente isolado; ele forma uma imagem dela a partir de impressões herdadas de sua cultura e transformadas por sua experiência. Desta forma, investigar o pensamento dos intelectuais a respeito da cidade invariavelmente nos leva para além de suas fronteiras, até a inúmeros conceitos e valores sobre a natureza do homem, da sociedade e da cultura.

Traçar em um contexto apropriado a transformação do conceito de cidade desde o século XVIII transcende em muito os limites deste trabalho. O que posso fazer é apresentar apenas alguns traços principais do pensamento relativo à cidade e esperar que este artigo possa abrir novos campos de investigação.

Acredito que se possa distinguir entre três tipos de cidade durante estes dois últimos séculos: a cidade como virtude, a cidade como vício e a cidade além do bem e do mal. Estas distinções são periodicamente retomadas por pensadores e artistas. O século XVIII, com sua filosofia iluminista, desenvolveu o conceito da cidade como virtude. A industrialização, no início do século XIX, trouxe a concepção antagônica: a cidade como vício. Em meados desse mesmo século finalmente emergiu, sob o peso de uma cultura subjetivista, uma atitude intelectual que colocou a cidade além do bem e do mal. Nenhuma nova fase destruiu sua predecessora. Elas sobreviveram umas às outras, embora sua vitalidade tenha sido minada e seu brilho ofuscado. Os diferentes níveis de desenvolvimento nacional, tanto social como intelectual,

obscurecem a clareza desses conceitos. Além disto, à medida que as décadas passam, determinados aspectos de tais conceitos - que durante determinado período já haviam sido considerados antitéticos - fundem-se para formar novos pontos de vista que recontextualizam a cidade. Assim como em outros ramos da história, na história do pensamento urbano, o novo fortifica o antigo mais freqüentemente que o destrói.

A classe média acreditava piamente, no século XIX, que a cidade fosse o principal centro onde o homem exercia suas duas mais valiosas atividades: a indústria e a alta cultura. Essa hipótese foi herdada tão entusiasticamente do século precedente que devemos prestar mais atenção à sua natureza. Três adeptos do iluminismo - Voltaire, Adam Smith e Fichte - formularam o conceito de cidade como uma "civilizada" virtude conforme suas respectivas culturas.

Voltaire devotou seus primeiros elogios à cidade não para Paris, mas para Londres. Londres foi a Atenas da Europa moderna, suas virtudes eram a liberdade, o comércio e as artes. Estes três valores - político, econômico e cultural - nasceram de uma única fonte: do respeito da cidade pelo talento.

Rival of Athens, London, blest indeed
That with thy tyrants had the wit to chase
The prejudices civil factions breed.
Men speak their thoughts and worth can
win its place.
In London, who has talent, he is great.¹

Londres era para Voltaire a mãe que amamentava a mobilidade social contra a sociedade hierarquicamente imóvel.

As virtudes que encontrou em Londres, ele logo generalizou para as demais cidades modernas. Seus conceitos sobre a cidade formam um capítulo em seu *Battle of the Books*, of An-